

A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA NOTACIONAL ALFABÉTICO POR CRIANÇAS DA EMEB SILVA FREIRE: um processo de escuta e interação

Rosa Maria de Albuquerque¹

Carla Melissa Klock Scalzitti²

Iury Lara Alves³

Eixo 6: Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: Trata-se de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Várzea Grande/MT (UNIVAG). Os questionamentos sobre a importância de alfabetizar na idade certa, de se alfabetizar letrando e das várias possibilidades de ensinar e de como os “erros” produzidos pelas crianças devem ser vistos no processo de ensino aprendizagem são: como se dá a apropriação do Sistema notacional alfabético (SNA)? E, ainda, quais os desafios do professor para que este processo de ensino aprendizagem aconteça de uma forma discursiva sem esquecer as especificidades da alfabetização? As respostas destes questionamentos estão ancoradas, teoricamente, em: Ferreiro e Teberosky (1999), por considerarmos o diagnóstico psicogenético uma análise importante para a preparação das aulas; Moraes (2020), que nos traz a reflexão sobre o por quê e como ensinarmos a norma ortográfica; Soares (2020), que dialoga com o fazer pedagógico alfabetizar letrando e sua importância; por corroborar para que entendêssemos a alfabetização na perspectiva histórico-cultural. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Básica Silva Freire, em Cuiabá - MT, com uma turma de primeiro ano, do Ensino Fundamental, da Educação Básica. Utilizamos as metodologias da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso, resultando na constatação de que a apropriação da escrita e da leitura no processo de alfabetização está na junção da teoria com o fazer pedagógico a partir do interesse dos alunos e possibilitando um ensino aprendizagem que considera a criança na sua pluralidade.

Palavras chave: Sistema Notacional Alfabético (SNA); Letramento; Ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende tratar da alfabetização inicial e os desafios que surgem para o professor no processo de ensino-aprendizagem. Ferreiro e Teberosky (1999), Moraes

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande. Contato: fahenzo2015@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Docente do Centro Universitário de Várzea Grande/UNIVAG/MT. Contato: carlamelissaks@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do centro Universitário de Várzea Grande/UNIVAG/MT. Contato: iury.alves@univag.edu.br

(2020), Soares (2004, 2020), são os ancoradouros para que a reflexão sobre os dados acontecesse de forma reflexiva. O objetivo do texto é analisar o processo de apropriação da escrita alfabética no ensino aprendizagem de crianças dos anos iniciais da EMEB Silva Freire, de modo a compreender como esses processos são feitos e como o professor lida com as informações coletas no fazer pedagógico.

Conforme a revisão de literatura feita sobre o tema, observamos que a educação é marcada por uma história de baixo rendimento escolar, também pudemos observar tal informação nos dados da Avaliação (ANA), 2013 e 2014 como podemos ver em nota de rodapé⁴. Diante desta constatação trazemos a pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1999) afirma que o pensamento da criança sobre a escrita vem permeado por hipótese e estes dados corroboram para a produção da escrita.

1 SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA... OS MÉTODOS REFERENTES À ALFABETIZAÇÃO

Em busca de métodos que auxiliassem no processo de alfabetização, profissionais da educação em princípio se apoiaram em métodos denominados sintéticos, analíticos e mistos; alguns teóricos afirmam que estes métodos pouco contribuíram para a aprendizagem da língua escrita. Em princípio se basearam nos métodos sintéticos em que a aprendizagem parte dos elementos mínimos num processo que consiste em ir das partes ao todo: da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras), e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas, como relata Moraes (2012)

Por trás dos métodos alfabéticos (“B com A, BÁ”, “B com E, BÉ” etc.) existe a crença de que o aprendiz já compreenderia que as letras substituem sons e que, memorizando “casadamente” os nomes das letras, ele poderia ler sílabas. Depois de aprender muitas sílabas, o principiante veria que, juntas, elas formariam palavras e... um dia ele leria textos. (MORAES, 2012, p. 29).

O que levaria o aluno a memorizar as letras do alfabeto, passando por um longo período de leituras de sílabas, a criança aprende que a junção forma uma palavra. A partir desse momento, é introduzida à leitura de sentenças curtas e, somente em um momento

⁴ Onde, segundo o INEP, em 2013, 2.258.642 dos 2.617.867 alunos matriculados no terceiro ano, de 55.781 escolas públicas, participaram da ANA. A prova foi realizada em um único dia e os alunos foram divididos, onde 1.131.566 responderam ao teste de leitura, 1.127.076 ao teste de Matemática e todos fizeram a prova de escrita. Na prova de leitura, constatou que a maior parte dos estudantes atingiu os níveis 2 (33%) e 3 (33%), seguidos pelo nível 1 (24%) e 4 (10%). Sendo que os dados da prova de escrita não foram divulgados. Em 2014, os testes foram aplicados em dois dias consecutivos, foram cadastrados 2.491.654 estudantes, e 49.664 escolas, onde 2.141.161 responderam às questões de leitura e escrita, e 2.201.702 de Matemática. Na prova de leitura, nesse ano evidenciou que a maior parte dos alunos está no nível 2 (34%), seguido pelo nível 3 (33%), 1 (22%) e 4 (11%) na prova de escrita, a maior parte dos estudantes atingiram o nível 4 (56%).

posterior, há o contato com pequenos textos, tornando o processo de ensino aprendido, exaustivo para o aprendiz.

Também temos os métodos analíticos que se iniciam com unidades maiores e posteriormente estas unidades são fragmentadas.

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a “historieta”. (MORTATTI, 2006, p. 7).

Este método assim como o sintético, priorizava o professor como o centro do conhecimento da aprendizagem da escrita e da leitura, porém os professores adeptos deste método acreditavam que, a partir do trabalho com unidades maiores, que tivessem um “sentido”, trariam um envolvimento mais ativo da criança com o objeto de ensino. Porém, para que tivesse sentido, esse objeto deveria ser aderido do seu contexto social; assim, vale ponderar que este “sentido” carecia de temas reais, e não de textos sem sentido, deve ser extraído de um contexto real e significativo para os aprendizes.

Segundo os estudos de Moraes

os métodos analíticos, [...] propõem que, por razões de tipo perceptivo e motivacional, seria adequado começar com unidades maiores, que “têm significado” (palavras, frases, histórias), e, pouco a pouco, levar os alunos a analisá-las, isto é, a “parti-las em pedaços menores”. (LUNA; SILVA, 2013, p. 23 apud MORAES, 2012, p. 29)

Não podemos deixar de também relatar os métodos mistos ou ecléticos que consistiam na junção dos métodos sintético e analítico, onde os professores adeptos do método analítico ora utilizavam o sintético e ora utilizavam o analítico; enfatizavam o uso simultâneo de ambos, os quais eram entendidos como habilidades visuais, auditivas e motoras, que consistiam em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpos, membros, dentre outros. Entretanto, ao analisar a história dos métodos constata-se que esses métodos geravam um aprendizado pouco satisfatório, visto que os aprendizes eram postos pelos professores a um conhecimento limitado de repetições e memorizações de conteúdo didático, ou seja, pouco reflexivo.

Como conseguinte, trazemos o relato de Mortatti (2006, p. 15):

[...] é preciso conhecer aquilo que constitui e já constituiu os modos de pensar, sentir, querer e agir de gerações de professores alfabetizadores (mas não apenas), especialmente para compreendermos o que desse passado insiste em permanecer. Pois é justamente nas permanências, especialmente as silenciadas ou silenciosas, [...].

Diante disso, trazemos a concepção de um processo mais interacionista, ou seja, É necessário que se pense na língua como um todo, e não por palavras soltas; esse processo deve englobar todos os aspectos necessários para a aquisição do conhecimento e, principalmente, que a criança participe ativamente desse processo. Sabemos, pelas pesquisas desenvolvidas por Ferreiro e Teberosky (1999), que a aquisição de conhecimento acontece na interrelação sujeito e objeto.

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Para Ferreiro e Teberosky (1999), é interagindo com a escrita, contemplando seus usos e funções, que as crianças se apropriariam da escrita alfabética, e não a partir da leitura de textos forjados como os presentes em diferentes cartilhas de alfabetização.

2 A IMPORTÂNCIA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM O SISTEMA NOTACIONAL ALFABÉTICO (SNA) E O ERRO CONSTITUTIVO

A pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, indaga o fracasso escolar e busca compreender como eram elaborados os pensamentos, resultando em uma nova perspectiva de como a criança se apropria da escrita.

No entanto, conforme os estudos da psicogênese da língua escrita, ao analisar as escritas dos alfabetizandos, devem considerar a sua totalidade do processo, que implica “[...] as intenções, os comentários e alterações introduzidos durante a própria escrita e a interpretação que o ‘autor’ (a criança) fornece para sua construção, quando terminada” (FERREIRO, 1995, p. 25):

palavra substitui (o tamanho, a forma, etc.) ou a sequência de partes sonoras da palavra? Como as letras criam notações (ou palavras escritas)? Colocando letras em função do tamanho ou de outras características do objeto que a palavra designa? Colocando letras conforme os pedaços sonoros da palavra que pronunciamos? Neste caso, colocando uma letra para cada sílaba oral ou colocando letras para os sons pequeninhos que formam as sílabas orais? (BRASIL; PNAIC, 2012, p. 10).

Dessa forma compreende-se que o sistema de escrita é notacional e não um código, visto que as crianças levantam hipóteses do que seja a escrita, o que indica que elas se desenvolvem de forma geral no processo de construção da escrita. Esses conhecimentos

devem ser referências para todo professor, em especial o professor alfabetizador.

A teoria da psicogênese da escrita colabora para a compreensão da SNA, sua estrutura teórico-metodológica é fornecida pelo construtivismo de Piaget, se dá em etapas/níveis, que não são etapas sequenciais e fechadas, pelas quais as crianças percorrem durante o processo de alfabetização. Desta forma, a pesquisa contrapõem os métodos tradicionais primeiramente por não ser um método e, também, por preconizar a criança ativa do e no processo construindo seu conhecimento na interação com o meio, assim como, desconsideram a competência linguística da criança e suas capacidades cognitivas, que são dois campos que alicerçam a psicogênese,

No lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). [...], aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 24).

Perante o exposto, podemos afirmar que a Alfabetização está atrelada ao letramento, segundo Magda Soares,

Dissociar a alfabetização do letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicolinguísticas da leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2004, p. 10).

As crianças, mesmo antes de aprenderem a ler, já possuem conhecimentos do mundo letrado, pois estão em constante contato com inúmeras formas de escritas, visual, gráfica, sonora; assim, podemos afirmar que, ao chegarem ao ambiente escolar elas já formulam hipóteses sobre o que sejam os sinais que visualizaram através de propagandas, rótulos, revistas, jornais etc.,

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através das possibilidades de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 23).

Diante disso, podemos perceber que alfabetizar sem letrar pode comprometer a alfabetização reflexiva da criança; com base nessa perspectiva nota-se que é fundamental

que o processo de letramento ocorra de forma integral, pois letrar é um ato social e, assim sendo, é cultural.

Compreende-se que a psicogênese da língua escrita considera os aspectos próprios da aprendizagem no desenvolvimento social e cognitivo da criança em relação à escrita e a leitura, entendendo que o ato de escrever ocorre de maneira particular e interna, onde se transcreve o que se sente, o que se escuta, o que se supõe ser a escrita, as hipóteses, são as compreensões que são elaboradas pelas crianças desde a tenra idade.

As hipóteses levantadas pelas crianças vem regeadas de informações nos quais podem emergir alguns exemplos de erros construtivos⁵; tais erros estão integrados em um processo gradativo de compreensão do sistema de escrita, em que as crianças, ao percorrerem, estruturam seus pensamentos de forma a dominarem este sistema. Por muito tempo o erro foi considerado como fracasso do aluno, mas é notório que, diante das novas práticas pedagógicas, o erro das crianças não pode ser desprezado, pois é um reflexo da construção do conhecimento.

3 A ENTREVISTA – COLETA DOS DADOS

No desenvolvimento da pesquisa propomos uma entrevista com a coordenadora da escola Silva Freire e suas respostas foram alicerçadas em aspectos teóricos e metodológicos sendo assim considera a alfabetização atrelada ao letramento, ou seja, em contextos, sendo a alfabetização mais narrativa, sem desconsiderar os estudos da psicogênese da escrita, o pensamento linguístico, necessário para a reflexão e, estes conhecimentos, tornam-se insumos para planejar a ação do professor.

Quando lhe foi perguntado:

Como ocorre o processo de apropriação da escrita e da leitura na EMEB Silva Freire e quais são as etapas desse processo?

Pensamos num processo onde a escrita parte da criança. Como assim? A partir de suas curiosidades. Exemplo: uma criança quer aprender sobre borboletas. A partir daí vou em busca de assuntos relacionados a borboleta: textos, histórias, atividades e começamos um trabalho junto com a criança. Enfatizo que a escuta é primordial nesses momentos, pois se não compreendo essa escuta não conseguiria trazer o assunto de interesse deles para a aula. Já que pensamos em um processo de alfabetização com sentido e significado para nossas crianças. Os momentos de histórias, **escrita coletiva** também são muito importantes para esse momento.

⁵ O erro na perspectiva teórica de Piaget revela um processo dinâmico que dirige o ato de conhecer, Piaget (1986, p.13)

Quais atividades são desenvolvidas na escola para tornar a escrita e a leitura mais significativa para o aluno?

Primeiro que as atividades precisam estar inseridas no mundo deles, ou seja, atividades que eles possam comentar, falar, colocar o ponto de vista deles. Atividades com jogos, brincadeiras, desenhos, a escrita pessoal de cada um. Leitura coletiva com cartazes, produção de texto coletivo são atividades que eles gostam de fazer.

Na entrevista percebemos que a perspectiva da alfabetização está ancorada em um trabalho significativo, contextualizando os conteúdos e a especificidade da alfabetização com as experiências por eles trazidas, em especial, com o constructo cultural a escrita e a leitura.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada, nesta pesquisa qualitativa, se baseou em entrevista, realizada por meio de questionário semi-estruturado, junto a coordenadora pedagógica da escola. Também foram efetuadas pesquisas bibliográficas, em livros físicos e artigos disponibilizados em sites. Com base nessas informações utilizamos duas fontes de coletas de dados sendo: a pesquisa bibliográfica, juntamente, com um estudo de caso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou a compreensão de como se dá apropriação da escrita e da leitura no processo de alfabetização e letramento, que nos proporcionou um enriquecimento em nossos conhecimentos teóricos, para que assim possamos repensar a prática pedagógica e tornar o processo de aprendizagem significativo e que não desconsidere os saberes/fazer do aluno.

Ensinar a ler e a escrever requer, por parte da escola e do corpo docente, um olhar crítico-reflexivo sobre o processo de ensino-aprendizagem. Ampliou o olhar para a forma de nos atentarmos aos saberes dos alunos, do nosso papel como mediadores do conhecimento, da importância de colocar o aluno como centro no processo de ensino aprendizagem, da importância do diálogo, do saber ouvir, do lúdico, e da participação ativa na família nesse processo.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 01, Unidade 03.** Brasília: MEC/SEB/DAGE, 2012. Disponível em: <[http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_03_Ano_01_\[3634\].pdf](http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_03_Ano_01_[3634].pdf)>. Acesso em: 11 junho 2020.

FERREIRO, E. Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. *In*: GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas.** Trad.o Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Trad. Diana Myriam Lichtenstein *et al.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LEAL, Telma F.; MORAES, Artur. O apren - dizado do Sistema de Escrita Alfabética: uma tarefa complexa, cujo funcionamento precisamos compreender. *In*: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAES, A. G. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MORAES, Artur G. **Sistema de Escrita Alfa - bética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de Alfabetização no Brasil.** Disponível em: portal.mec.gov.br/Ensfund.pdf, 2006. Acesso: 11/07/2020.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 24a ed. Rio de Janeiro: Florence, 1986.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 junho 2020.